



Nuances da extensão universitária com um grupo de mulheres quilombolas: desafios da COVID-19 na produção agroecológica

*Nuances of university extension with a group of quilombola women: challenges of
COVID-19 in agroecological production*

CHAVES, Gislaine da Nóbrega¹; NASCIMENTO, Pollyanna da Silva²;
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)¹, nchaves@hotmail.com¹; Universidade Federal de
Campina Grande (UFCG)², pollyannasilva758@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Objetiva-se mostrar algumas nuances de um projeto de extensão universitária com um grupo de mulheres quilombolas e os desafios apresentados pela COVID-19. Esse contexto afetou sobremaneira o cotidiano das mulheres, mas especialmente daquelas em situação de vulnerabilidade. As interações dialógicas ocorreram, majoritariamente, por meio de rodas de diálogo, mas, também em visitas de campo, quando havia alguma flexibilização das medidas sanitárias de isolamento. As formas de fazer e pensar a extensão foram adaptadas, fazendo-se uso de redes sociais e aplicativos de videoconferência, além de diário de campo e registro fotográfico. Ressalta-se o empoderamento delas, por meio de suas práticas associativas e de autogestão, impulsionadoras da produção agroecológica de alimentos saudáveis com matérias-primas diferenciadas. A base desses insumos é resultante da agricultura familiar camponesa, com características da policultura e cultivo sem o uso de agrotóxicos e transgênicos.

Palavras-Chave: mulheres negras do campo; projeto de extensão; outra economia.

Contexto

Este relato de experiência técnica aborda alguns aspectos do projeto de extensão intitulado: *UFPB no combate à COVID-19: o Protagonismo das Mulheres do Campo Quilombolas na Economia Popular Solidária e o seus Fazeres Educativos*, desenvolvido no Quilombo Gurugi II, no Litoral Sul da Paraíba, no município do Conde, na Região Nordeste do Brasil, no período de 2021 a 2022. Articula-se com o eixo temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica por mostrar como as mulheres do Quilombo Gurugi II estabeleceram arranjos e rearranjos no campo da produção, agroecológica, e comercialização de produtos para enfrentar o momento pandêmico.

O local foi escolhido por se constituir em uma área geográfica marcada pela diversidade cultural indígena e quilombola. Essas comunidades tiveram sua história centrada na expropriação territorial, tornando-as econômica e socialmente vulneráveis, já que dependem da terra para a sua sobrevivência.

Ressalta-se o empoderamento das mulheres, por meio de suas práticas associativas, que impulsionaram a produção agroecológica, contribuindo para o



bem-viver, já que objetivam a produção de alimentos saudáveis, tendo como base insumos resultantes da agricultura familiar, com características da policultura, cultivada sem o uso de agrotóxicos e transgênicos.

A agroecologia é um dos conceitos-chave para a Ecosol, posto que “[...] estuda a vida e fundamenta a opção por uma agricultura a favor da vida” (CALDART, 2016, p. 5), ou seja, livre de agrotóxicos e de sementes transgênicas, mas, também, da exploração do trabalho humano. Desse modo, cultiva uma relação respeitosa com a natureza e com o/a humano/a, contrapondo-se ao modelo capitalista de produção e sua lógica neoliberal.

Este relato responde às seguintes problematizações: Quais as estratégias que os grupos de mulheres encontraram para comercializar os seus produtos em tempos de pandemia? Como elas se organizam para produzir os alimentos que comercializam? Suas identidades de gênero e étnico-raciais interferem nas atividades produtivas? Quais os princípios educativos que balizam suas práticas laborais?

Descrição da Experiência

O enfrentamento à COVID-19, causada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-19), com importantes medidas sanitárias para a sua contenção, a exemplo do isolamento social, impactou profundamente o cotidiano das pessoas em todo o mundo. Ademais, a pandemia intensificou a rotina das mulheres, obrigando-as a assumirem tarefas, que, antes, não existiam como preocupação, ou que eram realizadas de outro modo, seja no espaço doméstico ou laboral. Por isso, adotaram-se outras metodologias e meios de interação para a realização das ações extensionistas que não estavam previstas no projeto.

A metodologia adotada foi focada, majoritariamente, em rodas de diálogo, remotas, centradas em uma abordagem freiriana, com base na interação, participação e dialogicidade entre os/as participantes, objetivando identificar as principais problemáticas enfrentadas pelas mulheres na gestão do seu empreendimento e aprofundar as temáticas da Ecosol, mas, nos momentos de alguma flexibilização da pandemia, realizaram-se diálogos presenciais, com inserções no campo. Foi por meio de reuniões remotas, consentidas e gravadas, no aplicativo *Google Meet*, com interações continuadas pelo *WhatsApp* e outras vezes por telefone, com participantes do grupo de mulheres, que os sujeitos diretamente envolvidos no projeto de extensão puderam se conhecer e trocar experiências acerca do que faziam de diferentes lugares sociais.

A extensão, realizada por meio da pesquisa qualitativa, mostrou que as relações intersubjetivas no campo, por meio das rodas de diálogo e das conversas informais, já faziam parte da cultura ancestral das mulheres quilombolas, que se reúnem em roda não apenas para trabalhar, mas, também, para trocarem ideias a respeito de diversos assuntos do cotidiano, “pondo a conversa em dia”. As observações, com anotações em diário de campo, propiciaram não apenas o registro ao que escapa à



memória, mas uma oportunidade de refletir sobre o dito e o presenciado. Assim, parafraseando Minayo (2009, p. 63-64), destaca-se, na relação entre pessoas, as interações como instrumento de coleta de informações, devido: “[...] a fala ser reveladora de condições de vida, da expressão dos sistemas de valores e crenças e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir, por meio de um porta-voz, o que pensa um grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor”.

O ponto de partida para o delineamento do projeto foi um diálogo iniciado com uma das lideranças do Grupo de Mulheres Negras do Campo, do Quilombo Gurugi II. Igualmente, prosseguiu-se com a realização da primeira roda de diálogo para identificar as problemáticas que mais as afligiam. Realizada de forma remota, por meio da plataforma do *Google Meet*, essa roda reuniu 11 mulheres, dentre as quais seis do Quilombo Gurugi II, uma do Ipiranga e quatro integrantes da equipe executora. As histórias das mulheres quilombolas revelaram desafios e conquistas nas suas organizações autogeridas, identificando-se os seguintes temas geradores: 1) políticas públicas de fomento à compra de produtos da agricultura familiar; 2) rotulação de produtos com a sua discriminação nutricional e 3) adesão de outras mulheres para trabalharem com produtos que não geram renda imediata. Das rodas de diálogo, participaram ativamente discentes de graduação e de pós-graduação, tendo sido uma delas protagonizadas por uma mulher quilombola, Luciene Tavares da Silva Lima, do Quilombo Caiana dos Crioulos, localizado em Alagoa Grande-PB, mestra pela UFPB.

Em alguns momentos, a extensão aproximou-se mais do ensino. Assim, considerando as demandas apresentadas pelas mulheres, ocorreram cinco rodas de diálogo, que favoreceram o aprofundamento dos temas propostos. Essas rodas de diálogo concentraram um maior esforço na articulação e trabalho envolvendo toda a equipe do projeto, porém não houve participação das mulheres quilombolas nessas outras ações. Outrossim, não participaram do minicurso proposto que objetivava atender a uma demanda específica de rotulagem de produtos para oportunizar maior inserção de seus produtos nos mercados locais.

Posteriormente, as rodas de diálogo foram articuladas com a monitora e estagiária do componente curricular Educação, Economia Popular Solidária e Práticas Associativas ministrado no Curso de Pedagogia (com área de aprofundamento em Educação do Campo). As ações foram realizadas de modo qualitativo, a partir da pesquisa-ação, tendo como princípios a abordagem dialógica, a participação e autonomia das mulheres. Essa perspectiva norteou os encontros de formação dos/as discentes do componente curricular supracitado, que contribuíram na organização, registro, reflexão e produção de material didático sobre as rodas de diálogo pela via da ação/reflexão/ação. Para isso, adotou-se a perspectiva dialógica, uma vez que se considerou a realidade concreta na escuta dos dilemas e alcances narrados pelas mulheres, no momento pandêmico, na compreensão de que “[...] fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares” (FREIRE, 1981, p.36).



Em parceria com algumas das colaboradoras do projeto, a equipe executora prestou uma assessoria às mulheres negras do campo para que pudessem concorrer ao prêmio Espanha reconhece, em sua primeira edição, em 2022. Para isso, uma jovem estudante, participante do Grupo de Mulheres Negras do Campo, trabalhou em conjunto com bolsistas e voluntárias do projeto. Considera-se que essa ação propiciou uma maior interação entre bolsista, voluntárias e mulheres quilombolas, já que elas não participaram de outras atividades como foi mencionado anteriormente.

Resultados

Mas, afinal, quais foram as estratégias que os grupos de mulheres encontraram para comercializarem os seus produtos em tempos de pandemia? No período da pandemia, o grupo de mulheres quilombolas utilizaram as tecnologias da comunicação e da informação a seu favor, divulgando seus produtos via *Instagram* e ampliando a rede de consumidores de produtos alimentícios, a exemplo de pães, bolos, doces e salgados, derivados de raízes e tubérculos, como macaxeira, inhame e batata doce roxa:

Figura 01. Derivados da batata doce roxa e da farinha orgânica.



Fonte: CHAVES, Gislaine da N., 2022.

O escoamento da produção ocorreu via condomínios, eventos, feiras e sob encomendas pelas redes sociais. A matéria-prima é fornecida por agricultores/as da própria comunidade e de comunidades próximas, pois o que o grupo de mulheres busca é a produção de uma alimentação saudável. Elas trabalham em conjunto com esses agricultores, conscientizando-os para que eles possam produzir sem a utilização de agrotóxicos. Desse modo, beneficiam a saúde da comunidade e dos/as consumidores/as, com produtos de qualidade e livres de veneno, cuidando também do meio ambiente.

Em uma das rodas de diálogo (presencial) com o Grupo de Mulheres Negras do Campo, pôde-se compreender como elas se organizam, recorrendo a sua cultura e ancestralidade, com conhecimentos repassados, tradicionalmente, por suas avós, mães e antecessoras, pois “[...] é em roda, embaixo de uma grande mangueira, que as mulheres negras do campo se reúnem não somente para produzir, mas também para realizarem trocas intersubjetivas” (CHAVES, 1 diário de campo, 2022). Nessas ocasiões, descascam as raízes e tubérculos, prosseguindo com a lavagem e o processamento da matéria-prima, orgânica e sem agrotóxicos, na cozinha.



Ressalta-se a atuação delas por meio da Associação das Mulheres Negras do Campo, cuja fala é reveladora de empoderamento e resistência, uma vez que a história de luta e organização do grupo produtivo inspira mulheres do quilombo e de outras comunidades, como demonstrado no trecho abaixo:

para mim, a associação representa uma expressão do empoderamento feminino, onde podemos lutar pelo nosso próprio dinheiro e independência financeira, especialmente por sermos um grupo composto somente de mulheres negras e de comunidade quilombola, onde podemos nos capacitar como também repassar nosso conhecimento cultural e técnico-produtivo para outras mulheres (NASCIMENTO, 2022).

Segundo uma participante do grupo, as mulheres conseguiram superar os obstáculos enfrentados, quando ainda produziam com muita dificuldade pelo fato de não possuírem um local apropriado para a produção. Com recursos de um projeto, conseguiram construir uma cozinha e um anexo que beneficia não apenas as mulheres, mas a comunidade quilombola que agora possui um local para realizar as suas reuniões.

Em resposta a uma das questões de pesquisa, qual seja, como suas identidades de gênero e étnico-racial interferem nas suas atividades produtivas?, percebe-se que a afirmação da identidade étnico-racial fortalece e/ou impulsiona o grupo produtivo. Nas falas das mulheres, estão presentes a assunção da cultura ancestral e o enfrentamento a práticas decorrentes do racismo que estrutura as relações de poder, desde a colonização, e, não raras vezes, resultam em práticas violentas contra o povo negro.

Observa-se, na construção identitária do Grupo de Mulheres Negras do Campo, que elas se reconhecem como mulheres, negras e do campo; um pertencimento situado a sua etnia/raça, que as diferencia de outras mulheres, e as aproxima de uma coletividade, camponesa, em oposição aos latifundiários, expressão de sua consciência de classe.

O grupo de mulheres negras do campo mostrou-se muito resistente quanto à escrita de trabalhos acadêmicos produzidos por discentes, tendo em vista, que, segundo uma das participantes do grupo, se depararam, em outra ocasião, com uma experiência negativa de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado por uma Instituição de Ensino Superior (IES). Esse fato possibilitou repensar a dimensão agroecológica da Ecosol, uma vez que se faz necessário ressignificar a prática acadêmica de pesquisadores e pesquisadoras, ou seja, investir na dimensão ética da atuação desses/as profissionais com as comunidades do campo e da cidade, já que a educação popular consiste em uma perspectiva, um modo de atuar com o povo e não para o povo (SALES, 1999).



Talvez, a ausência delas nas demais rodas de diálogo possa ser explicada, em parte, por suas rotinas exaustivas de trabalho, agravadas pelo momento atípico da pandemia, e, ainda, pelo tabu que permanece acerca do que se produz na Academia como algo inacessível ao povo, indicando também que esse espaço precisa ser mais democratizado.

Com base no que foi abordado no transcórre deste relato, indaga-se: Quais os princípios educativos que balizam suas práticas laborais? As mulheres se empoderaram por meio da autogestão e do trabalho coletivo, realizados de modo associativo, assim acabam beneficiando não apenas a si próprias, mas a sua comunidade e o/a consumidor/a; adotam o respeito ao meio-ambiente, quando escolhem o modo de produzir os alimentos, preferindo o uso de produtos locais sem agrotóxicos e da farinha orgânica; lutam por igualdade e justiça social, quando optam por elementos identitários, que valorizam a cultura ancestral e suas identidades de gênero, étnico-racial e do campo; a formação é fortalecida pela realização de parcerias diversas, que impulsionaram a produção e estimulam a criatividade, ao acrescentarem outros produtos na preparação de alimentos, mas, especialmente, ao agregarem valor aos produtos, testando e inovando no uso de matérias-primas diferenciadas.

Conclui-se, que, a despeito do Grupo de Mulheres Negras do Campo ter sido prejudicado pela pandemia da COVID-19, elas resistem, associando-se e atuando em rede, com autonomia e adotando princípios educativos que se coadunam à economia solidária e à agroecologia. A atuação em redes sociais, a exemplo do *Instagram* e *WhatsApp*, favoreceu a superação dos limites impostos pela pandemia, existindo uma tendência a sua permanência no grupo de mulheres, como um importante meio de divulgação de seus produtos. Ademais, contribuiu também para fortalecer a rede de solidariedade entre a equipe executora do projeto com o grupo de mulheres, ensejando novos devires.

Referências bibliográficas

CALDART, Roseli S. **Escolas do Campo e Agroecologia**: uma agenda de trabalho com a vida e pela vida. 2016. Disponível em:

<https://www5.unioeste.br/portalunioeste/arg/files/GEFHEMP/01_-_Escolas_do_Campo_e_Agroecologia.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2023.

CHAVES, Gislaiane da N. **1 Diário de Campo**. Observação de roda de diálogo presencial na Associação de Mulheres Negras do Campo. João Pessoa - PB: [s.l.], 2022a.

CHAVES, Gislaiane da N. **Derivados da batata doce roxa e da farinha orgânica**. 2022. 1 fotografia.

FREIRE, Paulo. **Criando métodos de pesquisa alternativa**: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos R. Pesquisa participante. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.



MINAYO, Maria C. de S. (org.). **Trabalho campo**: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria C. de S. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 18 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SALES, Ivandro da C. **Educação popular**: uma perspectiva, um modo de atuar (alimentando um debate). In: SCOCUGLIA, Afonso C.; MELO NETO, José F. *Educação popular: outros caminhos*. João Pessoa: Ed. UFPB, 1999.